

RELIGIÃO E PENSAMENTO MODERNO

RELIGION AND MODERN THOUGHT

Bruno Cezário¹

RESUMO

O presente artigo visa apresentar de modo breve o pensamento que Martin Buber elenca sobre o que se pensou sobre a religião, ou, a partir da religião em sua contemporaneidade, destacando algumas ideias do capítulo “Religião e pensamento moderno”, de sua obra “Eclipse de Deus”.

Palavras-chave: Martin Buber. Religião. Filosofia. Existencialismo. Psicologia.

ABSTRACT

This article aims to briefly present the thought that Martin Buber lists about what was thought about religion, or, from religion in its contemporaneity, highlighting some ideas from the chapter “Religion and modern thought” of his work *God’s Eclipse*.

Keywords: Martin Buber. Religion. Philosophy. Existentialism. Psychology.

¹ Graduado em Filosofia pela FAE Centro Universitário.
E-mail: brunocezario@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O que pode ainda a filosofia elencar sobre a religião? Cabe à filosofia analisar um tema que, aparentemente, está para além da própria dimensão do que é possível ser pensado? Se cabe ou não, não é o que trata Martin Buber ao repensar os escritos de outros filósofos e pensadores sobre o tema. O importante aqui é analisar e conceituar, e mais uma vez pensar o que há no fenômeno religioso que propriamente diz respeito à humanidade em si. Não se trata de dizer, ou de pensar o divino, mas sim de que o que na verdade não há de divino dentro daquilo o que o homem constituiu para ser caminho de acesso a esta realidade transcendente.

1 A RELIGIÃO ENTRE PENSAMENTOS FILOSÓFICOS E PSICOLÓGICOS

Já de início vale ressaltar que a colocação que Martin Buber faz aqui em conceituar a religião a partir do pensamento moderno, não diz respeito à época moderna em si, entre os séculos XV e XVIII, mas em relação ao pensamento moderno de sua contemporaneidade.

Buber afirma não querer tratar do assunto a partir de um ocular da fé em relação ao pensamento, mas sim de como o pensamento é capaz de categorizar o quanto há de humanidade nessa realidade que a princípio parece ser de uma realidade aquém do próprio homem.

Com isso, entretanto, não desejo referir-me às tentativas de pensar a partir da realidade da fé, nem estabelecer um acordo com base em uma tolerância mútua entre fé e filosofia. Ao contrário, meu assunto deverá ser unicamente o pensamento moderno na medida em que atribui a si próprio a tarefa de decidir se e em quais condições, ou dentro de quais limites, deve ser atribuído à religião um caráter de realidade humana (BUBER, 2007, p. 61).

Feita esta introdução, a seguir, Martin Buber elenca o existencialismo de Sartre e de Heidegger como essenciais para a compreensão à qual deseja ele explicitar, e acrescenta também a teoria do inconsciente coletivo de Jung para ampliar o leque de suas colocações.

Em primeiro lugar, embora tendo sido elencados juntos, Martin reconhece que o pensamento de Sartre e Heidegger são divergentes, ainda que partam da premissa nietzschiana “Deus está morto” (NIETZSCHE, 2012, p. 137) como veremos mais adiante.

Sartre, é propriamente um ateísta, em decorrência de sua filosofia existencial. “A morte de Deus” exclama por Nietzsche, e retomada por Sartre é de caráter diferente a qual afirmava-se a não mais existência de um Deus que os homens formataram em seus dogmas e teologias.

O “Deus morto” que Sartre ecoara, diz respeito a uma necessidade religiosa do próprio homem em dar sentido à sua existência a partir de um terceiro, um sentido além de si, que os guie a algum lugar em um sentido de direcionamento de suas vidas, um significado.

Sartre, lido a partir de Buber, visa a retomada da condição de liberdade que é a principal característica da condição humana, a qual tempos atrás, sobretudo no período medieval, o homem mesmo se privou ao por o sentido de suas vidas numa realidade transcendente. “Noutras palavras: o existencialismo tem de criar coragem, tem de abolir a necessidade religiosa, que já não convém ao nosso tempo, tem de deixar de lado a busca de Deus, tem de ‘esquecer’ Deus” (BUBER, 2007, p. 63)

Se por um lado, temos Sartre com a prerrogativa de esquecer a necessidade religiosa, que faz o homem entregar a sua própria liberdade a algo que ele mesmo teria criado, tornando-se prisioneiro de “ninguém”. Por outro encontramos Heidegger que, segundo Buber, falará de uma exclusão do sagrado.

Heidegger então, retomará novamente a máxima nietzschiana acerca de Deus, mas sobretudo para falar contra esta esfera que se coloca além do homem, além da matéria. Heidegger renuncia ao pensamento metafísico. E mais:

Heidegger, na verdade, acredita que nessa negação extrema ele pode, com uma posição nova, começar por um pensamento puramente ontológico, a doutrina do ser, que chega a estabelecer-se no homem ou através do homem – uma doutrina em que a colocação de Parmênides sobre o ser, como o absoluto que antecede e está acima, se entrelaça curiosamente com a teoria de Hegel sobre o princípio primordial que alcançou a autoconsciência no espírito humano. Para Heidegger tornou-se possível estabelecer essa nova posição sem levar em consideração a “morte de Deus”, porque para ele o ser está ligado ao destino e à história do homem e neles se esclarece, sem que com isso se transforme em uma função da subjetividade humana (BUBER, 2007, p. 68).

Mas embora querendo suplantar a ideia do divino enquanto realidade metafísica, Heidegger abre espaço para uma possível “ressurreição”, não descartando por completo, mas reconhecendo que esta realidade pensada possa no futuro vir a ser concebida de outras maneiras.

A questão para a qual aponta Heidegger não é em si uma filosofia que aponta contra uma ideia de existência de uma divindade, um Deus, um ser superior que rege a existência, mas sim contra a moral religiosa, ou o que se faz com a religião.

Buber, ressalta do pensamento de Heidegger, que o tempo presente se vive na verdade no tempo da “carência de Deus”, porque este não é possível distinguir, faltam palavras para nominar, para dizer, para caracterizar a sua presença, mas ainda sim é possível afirmar uma existência do sagrado, pois: “a palavra não falta porque falta Deus, e Deus não falta porque falta a palavra, mas ambos faltam ao mesmo tempo e aparecem ao mesmo tempo, por causa da proximidade do homem com o ser, que sempre nele se evidencia” (BUBER, 2007, p. 70).

É como um objeto posto num espaço em que se alternam luz e sombra, hora conseguimos perceber a sua presença, mas hora não, mas mesmo sem percebê-lo, quando a luz não o revela, podemos ainda sim saber que este está logo ali, ao alcance dos olhos.

No entanto, a moral religiosa que Heidegger condena mora aí, neste momento em que o objeto do sagrado não é visto, e do qual os homens logo buscam inventar um novo que supra a sua necessidade de estar face ao divino. Toma a figura por exemplo dos profetas do antigo testamento, e chama a atenção para os seus atos, onde estes falavam fazendo exigências em nome de um deus, sem antes revelar quem era esse deus.

Adiante, Buber toma o pensamento de Jung para aumentar a base em que se apóia para tratar do tema em questão. Embora Jung trate amplamente do tema em alguns de seus escritos, Buber prefere a fuga da psicologia para falar religião: “se deve evitar toda afirmação sobre o transcendente” pois “nunca passaria de uma ridícula presunção do espírito humano inconsciente de suas limitações” (BUBER, 2007, p. 77).

Nas colocações que Buber seleciona de Jung, ele opta pelas que trazem Deus enquanto um ser não existente de maneira independente, mas que de certa forma existe apenas enquanto concebido pela realidade humana, existente no inconsciente coletivo.

No entanto, para Jung, a relação que se deve ser analisada dentro da esfera da religião não é a de uma relação eu-tu, do homem para com Deus, ou em outras palavras, é o modo como o homem instituiu um meio de se achegar a Deus, mas não que Deus por meio da religião procure corresponder, um movimento de direção única do homem a Deus. Pois Deus, para Jung, permanece sempre transcendente.

Porém, a medida em que avança dentro do pensamento de Jung, Buber percebe que o próprio Deus perde destaque, e o homem passa a ser elevado à sua

posição, pois a religião como instrumento de ascese na busca por tocar a Deus, torna-se também instrumento, caminho na busca pelo “Self”, contribuindo no processo de individuação do homem.

Buber conclui que a partir do pensamento de Jung, Deus decai do pensamento sobre a religião, e há então o endeusamento da alma, na busca pelo Self.

CONCLUSÃO

Dentro do que Martin Buber experimenta à medida que avança entre as ideias de Sartre, Heidegger e Jung, podemos classificar a esfera do sagrado, do divino, do religioso, é um universo sempre intangível e inalcançável.

Um Deus que é morto, que hora se emudece, hora se revela em sua aparente ausência, mas que se não o faz permanece presente a ideia no intelecto de todo homem, é e sempre será um mistério por si.

Tratar sobre Deus, o fenômeno do religioso, a dimensão do sagrado, é sempre uma expansão da margem do desconhecido, ainda que se busque, que se aprofunde, todo e qualquer pensamento sobre o mesmo, nunca de fato tornasse conhecimento sobre tal. O conhecimento gerado é sempre o da busca que o homem faz por reconhecer e em que condições não é ele próprio o interventor da própria história.

REFERÊNCIAS

BUBER, Martin. **Eclipse de deus**: considerações sobre a relação entre religião e filosofia. Campinas: Versus, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.